

Luzes no Horizonte da Política

Olá amig@s! Nosso passeio pelo modelo das ecovilas atinge o penúltimo nível de sustentabilidade. Nesta edição vamos versar sobre política e relações de governança, uma dimensão que, em nossa sociedade, é motivo de profundo desânimo e insatisfação. Constatamos pelas mídias um crônico enovelado de relações confusas e abusivas em seu âmago, com facções de seres humanos professando ideologias antagônicas em disputa por posições de poder, na maioria das vezes visando benefícios para seu próprio grupo de interesses em detrimento da harmonia da sociedade.

Quando vislumbramos uma comunidade sustentável, o equilíbrio e a fluidez na política é, provavelmente, a mais suada das conquistas. Nossa herança cultural muitas vezes nos impede de acreditar e, conseqüentemente, vivenciar um ambiente de estabilidade social, sem lutas espoliativas pelas posições de comando.

As ecovilas se formam como assentamentos em escala humana, para permitir que todos os integrantes se conheçam entre si e possam participar das tomadas de decisão que afetam suas vidas. Fomenta-se um modelo de participação que vai além da nossa atual democracia representativa, na qual delegamos a um representante a função de decidir por nós. Quando nos propomos a viver em comunidade e formarmos uma rede de ação e convivência, somos estimulados a participar, nós mesmos, dos processos de tomada de decisão. E, nesse caminho, buscamos o consenso, a unidade decisória, em superação ao modelo de votação gerador de cisões e facções.

A diferença entre consenso e votação é que, se somos vinte pessoas e dezoito optam por um caminho e dois optam por outro caminho, na votação estes dois nem seriam ouvidos. A decisão já estaria tomada. Isso é o que Aléxis de Tocqueville um dia chamou de “ditadura da maioria”. Na tomada de decisão por consenso, ao contrário, estes dois integrantes têm a oportunidade de expressão e posicionamento. Esta prática fortalece o grupo e visa manter a “comum unidade” da ecovila. Assim, eliminam-se as posições hierárquicas e a centralização do poder decisório. Estimula-se a formação de conselhos e cria-se um sistema comunitário de resolução de conflitos.

Uma sabedoria popular diz que, se em um lugar duas pessoas pensam de forma igual, uma delas está sobrando. Conflitos sempre existirão. Contudo, se os enxergarmos como vitalidade do grupo e criarmos um ambiente favorável para o abrandamento das diferenças, seremos capazes de adentrar um mundo novo (ou seria antigo, ancestral?), em que nos enxergaremos como irmãos, caminhando e trabalhando juntos pela estrada da vida. Até a próxima!

